

CLEIA DRÖSE  
Organizadora

# À luz do escuro

São Paulo  
Pragmatha  
2021

Pragmatha Editora  
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze  
Identidade visual e diagramação: Pragmatha  
Ilustração: Verena R. Becker  
Copy right: Dos autores

Todos os direitos reservados  
Proibida reprodução total ou parcial sem a expressa autorização

A111 À luz do escuro / Cleia Dröse, organizadora. – São Paulo: Pragmatha, 2021.

348 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-86926-20-0

1.Ficção brasileira. 2.Ficção romântica brasileira. 3.Literatura brasileira. I.Dröse, Cleia.

CDU 869.0(81)-31  
CDD B869.3

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

## Sumário

Prefácio ...	07
Augusto Lisboa ...	09
Alípio ...	11
Um par de olhos ...	15
Vivências de um trabalhador rural ...	18
Nas asas da ansiedade ...	22
Encontro inesperado ...	25
Domingo, horário do almoço ...	32
Surpresa e preocupação ...	35
Sacudidelas da vida ...	39
Em busca de respostas ...	41
Difícil decisão ...	46
Um convite à paixão ...	49
Nas nuvens ...	52
Esperando pelo sim...	54
Fim de sonho para um poeta vivido ...	58
Helena ...	60
Luiza ...	62
Um incidente ...	66
Combate interno ...	68
Um balanço e um pouco de paz ...	71
Um anjo no balanço ...	75
À sombra do jacarandá ...	79
Divagações ...	82

Tentativa de acertar o passo ...	84
Preocupações de mãe ...	87
Um jantar e um convite ...	88
Esther ...	92
Letícia ...	96
Que dia! ...	98
Uma noite de sábado ...	101
Nova secretária ...	103
Em busca de um rumo ...	105
Duas vidas – coexistência ...	107
Nova experiência ...	109
Dona Artemísia ...	111
Cecília ...	113
Mistérios do passado ...	115
Um lar ...	117
Interação com a menina Cecília ...	121
Em meio à natureza ...	124
Depois do susto ...	126
Após o encontro com Cecília ...	129
Dia de colheita ...	133
Valfredo Coimbra ...	137
Júlia ...	139
Fim de semana movimentado ...	142
Amanhecer decisivo ...	146
Novo mundo ...	148
O Universo conspira ...	150
Despertar insólito ...	155
Como conquistar uma deusa ...	159
Fazendo planos ...	161
Passeio estratégico ...	163
Dúvidas ...	166
Armadilhas do destino ...	168
Choque de realidade ...	171

Dois conhecidos desconhecidos ...	172
Tentativas frustradas ...	175
Visitas inesperadas ...	177
Costumes interioranos ...	179
Encantamentos ...	181
Um cliente especial ...	184
Rotina e sonhos ...	189
(Re)encontro especial ...	191
Reencontro ...	193
Magia no ar ...	197
Manhã de sol ...	200
Preparativos ...	202
Consolidando vínculos ...	204
Um programa diferente ...	206
Imagens dignas de serem registradas ...	211
Sob as cores do pôr do sol ...	218
Momento propício ...	218
O que ficou no pensamento depois deste dia? ...	220
Boas intenções, grande decepção ...	222
Reencontro com o passado ...	224
Breve diálogo ...	227
Embalos de uma noite de verão ...	228
Pensamentos de Esther ...	232
A espera ...	234
Abrindo o coração ...	237
A força que acolhe ...	242
Entre sabores e descobertas ...	245
Naquela noite ...	249
Um enigma insondável ...	251
Imersos no Universo ...	256
O tormento do poeta ...	258
Alípio – uma opção, na juventude ...	260

Peça do destino ...	265
Enfrentamento ...	267
Contando com a sorte ...	270
Valfredo e Carla - parceria antiga ...	272
Uma proposta, um estilo de vida ...	274
Novo amanhecer ...	276
Lembranças ...	279
Uma história bem vivida ...	281
Argumentos são poderosos ...	284
Cada um é o seu próprio artífice ...	286
Diante da insignificância ...	288
A escuridão ...	290
O “eclipse”...	293
Revelação ...	297
Perdida na escuridão ...	299
Apocalipse ...	303
Seria um pesadelo? ...	305
Alípio e família no Eclipse...	308
Quando o escuro domina ...	313
Ouvir o coração ...	315
Retrospectiva ...	318
Passada a escuridão...	320
Uma decisão corajosa ...	322
Protagonista da própria vida ...	324
Novo amanhecer ...	326
Tudo por amor ...	332
E se o caos do universo for o mesmo que nos habita? ...	335
Quando o compasso bate no peito ...	339
Um olhar na escuridão ...	342
Família Alípio Carvalho, seguindo em frente ...	345

## Eu, tu, nós, eles...

Garante um ditado popular que não vemos o mundo como ele é, mas como somos. Sob a lente da literatura, nada mais verdadeiro. O escritor está sempre falando de si e do que passa em sua imaginação e fantasia. Ele escreve a partir do que é, do que gostaria de ser, daquilo que rejeita em si e nos outros com toda força de sua alma, e também a partir da maneira como lê o mundo, as pessoas e tudo aquilo que lhe diz ou não respeito.

O escritor é uma espécie de curioso, de antropólogo da experiência humana. A sua e a dos outros a qualquer momento podem ser objeto de criação literária. Suas percepções, que abstrai dos acontecimentos cotidianos seus e alheios, o conectam ao mundo de possibilidades que se expressa nas narrativas ficcionais, com o compromisso, ou não, de verossimilhança, seja ela interna, seja ela externa.

Em “À luz do escuro”, tudo isso é multiplicado por dez! É o reflexo perfeito do grupo que o escreveu, em suas mais complexas nuances de jeitos, estilos, vivências e abstrações. Mas o mais importante: é o reflexo sobretudo da plasticidade e capacidade criativa de

cada um dos coautores naquilo que chamamos de “papel existencial escritor”... De um grupo tão heterogêneo, e por isso rico em olhares e perspectivas a partir de suas próprias historicidades, só poderia se esperar um trabalho como este – de fôlego e com aquele toque fundamental nas grandes obras: a sensibilidade e o cuidado no tocar o outro.

Penso que a (exitosa) construção compartilhada talvez seja a principal marca de “À luz do escuro”, afora a qualidade literária, expressa no enredo, na riqueza psicológica de cada um dos personagens, na brilhante costura de todas as trajetórias a partir de um evento por demais simbólico na narrativa, garantindo assim a unidade da obra.

“À luz do escuro” é o livro que eu gostaria de ler durante uma tarde chuvosa no Bistrô Chapéu de Palha, em São Lourenço do Sul, enquanto faço anotações do quanto me vejo ou me nego em cada um dos personagens. Quais eu convidaria para um café? Com quais eu conversaria sobre amenidades? E sobre assuntos mais profundos da existência humana, com quais personagens eu me abriria? Quem eu chamaria para um rolê de final de tarde? Ou então para um piquenique na praça central da cidade? Quem sabe assistir a algum filme só para curtir o tempo passar? Certamente não dispensaria um convite para uma vivência no campo!

Por isso tudo, querida leitora e estimado leitor, em “À luz do escuro” os escritores não falam somente de si e de seu imaginário, mas também de mim e de você!

Desejo uma ótima leitura!

Sandra Veroneze  
Editora



## Augusto Lisboa

Augusto Lisboa é um homem, na faixa dos sessenta anos, escritor e poeta. Alto, sempre foi magro. Atualmente conta com uma barriguinha que começa a aparecer e insiste em se manter agarrada a ele. Após trabalhar por quase quarenta anos, aposentou-se das atividades profissionais. Divorciado há vários anos, tem dois filhos adultos, já formados e trabalhando em suas profissões. Ama e admira muito seus filhos. Embora já tenha tido algumas namoradas após o seu divórcio, não se casou novamente. Talvez seja devido ao seu coração volúvel e constantemente apaixonado por algumas mulheres, uma em cada época do seu viver.

Ele já escrevia desde jovem, porém essa paixão se tornou mais forte na última década. Seus textos são ora apaixonados, ora com uma pitada de depressão, ora sarcásticos, ora alegres. O que orienta a sua escrita são as suas mudanças de humor, de acordo com o que esteja vivendo. Quanto aos seus amores, nunca foi raro estar com o coração aberto a mais de uma pessoa. Ele crê que o amor não deveria ter barreiras ou amarras. Sua opinião é de que se deveria amar livremente quem desejasse, porém sem promiscuidade.

Sua rotina diária é assistir ao noticiário matutino na tevê, para acompanhar o café e a revista semanal que ele assina e recebe há anos. Na mesa, apenas o café com leite e o pão com manteiga, já que ele não tem muito apetite pela manhã. Trata-se de um cidadão tranquilo e caseiro que gosta da sua rotina. Se precisar ficar por uma semana em casa, fica bem. Mas, ao sair à rua, também gosta. Adora observar as pessoas que passam por ele, seja a pé ou motorizadas.

Gosta da sua vida, entre livros, revistas, televisão, notebook e o inseparável telefone celular. Ele costuma dizer que, com o celular à mão, está conectado ao mundo. Sem o aparelho, é o mesmo que estar isolado em uma ilha deserta. Gosta de ver vitrines de lojas, mas não possui o hábito de ser um grande comprador. Adquire apenas o necessário, quando for inevitável. Apesar disso, não se considera um “pão duro”.

Gosta de ser como é. Gosta da vida, apesar das suas dificuldades e dos falsos amigos, como ele considera a maioria dos que o cercam.

Acredita que enxerga a vida com “olhos experientes”. Este é Augusto Lisboa, cidadão do mundo.

## Alípio

O galo cantou pela terceira vez. Alípio acorda e percebe que a claridade do dia já espia pelo postigo da janela. Escuta o latido do Campeiro, seu cão ovelheiro que está dando algum sinal. Na penumbra do quarto, levanta e veste as roupas que ficam na cadeira ao lado da cama. Dirige-se para o pequeno banheiro da casa onde faz a higiene básica.

Na cozinha, coloca água na chaleira de alumínio, um tanto judiada pelo uso, a fim de preparar seu mate (companheiro que nunca lhe falta), sempre cevado com sua preferida erva Madrugada. Como ainda é cedo, vai sentar-se na área dos fundos, num rústico banco de cinamomo, por ele mesmo fabricado em dias de chuva.

Enquanto se serve de algumas cuias do seu chimarrão, vai acompanhando o amanhecer e assiste, mais uma vez, ao céu e todo o horizonte tingirem-se de um vermelho-alaranjado antes do nascer do sol que, quando aponta, espalha seus raios nos campos, matas e vai despertando pássaros e outros animais. As reses começam a andar e procurar pasto, preguiçosamente. Assim, mais um dia de lidas se inicia na campanha.

Depois de tomar vários mates, é chegada a hora da ordenha. Percebe que Mimosa, a vaca jérsei, já se apresenta na mangueira à procura do seu terneiro, que chama com berros intercalados.

Alípio então deixa sua chaleira e cuia na mesa da cozinha. Apanha o tarro e o canecão e segue até o local da ordenha. Vai levando alguns “restolhos” para Mimosa, que balança a cabeça lhe agradecendo e já começa a mastigá-los, ficando quieta enquanto seu leite desce e passa a ser tirado. O tarro, cheio do líquido branco e morno, será a seguir entregue a dona Maria Rita, esposa de Alípio, para ser fervido e servido em bule esmaltado, com o café Porepp recém coado. Dona Maria Rita, a companheira de longa data, movimenta-se pela cozinha num vai e vem, providenciando o preparo da primeira refeição do dia. Na mesa põe o pão caseiro fatiado, os potes com schimier e torresmo, os ovos mexidos e algumas bananas colhidas há dois dias (amarelinhas e bem doces).

Alípio, nos seus cinquenta e oito anos, estatura mediana, gestos calmos de quem costuma observar antes de agir, veste uma bombacha de brim. Camisa xadrez de flanela, tendo ao pescoço o seu lenço, de um estampado discreto, atado no estilo gaúcho, um colete de camurça meio gasto e o cinturão-guaiaca, apresilhando a faca artesanal de muitas serventias nas lidas diárias, completam o seu trajar.

Enquanto o casal toma o café da manhã, vão assistindo a um programa rural na TV CCE – 14 polegadas, estrategicamente colocada num canto da cozinha, num bom ângulo de visão.

Findo o café, Alípio vai até o galpão, ao lado da

casa, para planejar e preparar-se para executar as rotinas costumeiras: manejo e cuidado do gado (pecuária de corte e recria), o cultivo das lavouras (granja de arroz, lavoura de milho, mandioca, batata doce...). Sua produção agrícola é em parte para subsistência e outra parte para comercialização na cidade próxima (cooperativa de produtores e na fábrica de ração).

O casal tem dois filhos, já moços, que estão estudando e fazendo faculdade. Um rapaz, Fernando, de vinte e cinco anos, cursa agronomia, escolha motivada pelas tarefas de acompanhar o pai nas atividades rurais desde menino; e uma moça, Marina, filha caçula, que cursa pedagogia devido ao sonho de ser professora primária, desde o tempo em que dava aula para suas bonecas e amiguinhas da vizinhança. Alípio tem orgulho dos filhos, tendo sempre dito a eles que devem lutar pelos seus sonhos e ideais, salientando que na vida tudo se conquista com trabalho, esforço e dedicação; e muitas vezes com algumas renúncias, pois o sucesso não nasce pronto e nem é oferecido em bandejas festivas.

Alípio sonha e espera que num futuro não muito distante o filho seja seu parceiro e substituto, auxiliando na administração e cuidado da propriedade, herdada dos avós e pais, numa sucessão familiar. Que ele venha aplicar na terra e nos campos as novas tecnologias aprendidas nos anos de estudo. E que sua filha não se afaste muito dos pais ao lecionar em escolas próximas.

Alípio e a mulher sempre moraram na campanha. Ele pouco estudou, cursando até a 5ª série primária numa escola rural. Porém, sempre foi interessado em se atualizar, aprender coisas novas e trocar ideias com outras pessoas. Tem o hábito da leitura (revistas, jor-

nais), procurando informar-se sobre agricultura e pecuária, preços de mercado, comercialização de produtos. Acompanha sempre os noticiários voltados ao agronegócio.

Sempre teve interesse e é bastante apegado à sua propriedade de oitenta e sete hectares de terras agricultáveis e de campo nativo, dividida em poteiros e lavouras, com boas aguadas para suprir necessidades dos animais e granja de arroz, durante os meses de irrigação da lavoura.

Como homem de fé e devoto de Nossa Senhora Aparecida, sempre agradece por saúde, que possibilita a continuidade de seu trabalho, pedindo em suas orações a proteção divina para todos os familiares e amigos. Sempre lembra, também, de pedir proteção da Mãe Aparecida aos filhos, desejando que tenham sabedoria e sejam iluminados e guiados por ela nas suas escolhas durante a vida. Torce para que eles nunca esqueçam ou desgostem das suas raízes e origens rurais. Que sempre tenham amor à terra que lhes proporcionou o sustento necessário à sobrevivência digna e custeio dos estudos.

No fim de mais um dia, recolhe-se às casas, fecha seu galpão, trata seu cavalo e a criação de penas (galinhas, patos e gansos) e relembra cenas passadas, vividas ou que lhe contaram, sobre seus ancestrais: suas lutas, o trabalho que era mais braçal que o atual, das ajudas e mutirões que os vizinhos realizavam em tempos de colheita e tropeadas. Sente que o corpo físico está cansado e necessita de um bom repouso. Mas está com a mente e alma leves depois do dever e do trabalho, que havia planejado, bem executado e concluído.

## Um par de olhos

A vida de Augusto Lisboa é agradável. Pelo menos para os seus padrões, era. Ele faz apenas as coisas que deseja; lê seus livros, escreve e publica seus poemas, tanto na internet como em periódicos, ouve suas músicas, passa horas limpando e colocando em ordem os seus velhos discos... Essa sempre fora a vida que ele pediria a Deus. Filhos adultos, liberdade para viajar, chapéu de palha e muita disposição. Tudo perfeito! Pelo menos até anteontem.

Na noite passada, tivera insônia. Aqueles olhos jovens e belos não saíam de sua cabeça. O encontro na rua, a troca de olhares, o cumprimento, o convite aceito para um café. E parece que tudo isso, e talvez essa sensação boa, havia sido recíproco! Mas, como, se ela devia ter a metade da idade dele? Pelo visto, poderia ser sua filha. Mas não era, pensava. Impossível! Aqueles olhos azuis não lhe saíam do pensamento.

O pior, ou melhor, é que aquela menina, moça, mulher, havia lhe sorrido e correspondido às suas conversas, perguntas, pretensões ainda um tanto ocultas. Ela havia correspondido.

Pronto! A sua vida pacífica e segura já não era exata-

mente a mesma. A solidez das paredes do prédio que o abrigava ainda eram as mesmas, ainda o protegiam das intempéries e dos perigos da rua, mas algo no interior daquelas paredes e da sua mente havia mudado.

A possibilidade de conhecer alguém mais jovem e que, apesar da pouca idade, o fazia sorrir e sentir-se bem, o tirava do prumo. Mesmo que ligeiramente, mas tirava. E agora?

O convite para o próximo café tinha sido feito, fora aceito e estava em pé. Seria amanhã!

A próxima noite seria longa demais. A briga com o sono, a insistência em pensamentos controversos que envolviam sorrisos, esperanças, um certo sentimento de culpa, comparação de idades e uma alegria há muito não sentida certamente o atormentariam noite adentro.

A cada cinco minutos, seus olhos esbarravam no relógio e o tempo nada de passar! Será possível? Quantas horas caberão nessa bendita noite? Quantas ideias caberão na minha cabeça? Entre muitos outros, alguns indizíveis, esses eram pensamentos que o atormentavam, minuto a minuto em uma tortura digna de uma prisão chinesa.

O novo dia haveria de raiar, o horário do encontro haveria de chegar e aqueles olhos estariam novamente na sua mira, ao seu alcance. Seria aquilo uma ilusão? Um sonho? Ou mera imaginação? Aquela pequena mulher seria apenas fruto da sua imaginação? Não poderia ser só isso. Ela tinha que ser real! Precisaria ser real! O problema é que a sua vida, antes pacata, poderia ter uma reviravolta. Mas, e se apesar de ser uma grande mudança, essa fosse boa?



E se fosse boa? Repetia. Mas... O que fariam seus filhos, vizinhos, amigos? Isso o perturbava. Isso o atormentava. A troca da tranquilidade pela possibilidade de um novo, jovem e talvez grande amor, mexia com ele. Por que ela tinha que ter nascido tão tarde? Ou por que ele se antecipara ao vir ao mundo antes dela?

Os galos mais apressados já cantavam e o sol nada de raiar. As estrelas ainda insistiam em decorar o céu, como verdadeiros diamantes, e a lua ainda derramava prata pela rua. E o sono, nada. Com toda a certeza, ele trocaria o céu azul daquele olhar por este outro, escuro e sem pressa de clarear. A essa altura, noite, olhares, céu, desejos, estrelas e esperanças já se enroscavam em uma mistura de pensamentos retumbando em sua cabeça. Mas um poeta não deveria saber lidar com paixões, desejos e até mesmo ilusões? Parece que não.

Assim como essa noite, o dia seguinte seria longo.

## Vivências de um trabalhador rural

Alípio cresceu acompanhando seu pai nas lidas rurais da propriedade da família, onde uma das principais culturas era o arroz (granjas de sete a oito quadras), em que o trabalho era braçal e se utilizava animais de tração (bois de canga e cavalos) para arar a terra, discagem e cobertura das sementes que eram lançadas pelo semeador, fazendo uso das mãos. Os canais de irrigação (as marachas) eram feitas com pás de corte e de concha, niveladas por um agrimensor.

Nos dias atuais, Alípio e seus vizinhos produtores utilizam máquinas na realização de grande parte do trabalho. Os tratores prendem e conduzem implementos diversos: arados, grades, plantadeiras, pulverizadores, entaipadeiras, sendo operadas por uma ou duas pessoas nas atividades do plantio. Durante o período da irrigação nas granjas de arroz, ainda trabalham os “aguadores”- homens que supervisionam a condução do fluxo d’água que vai serpenteando pelas marachas e se espalha pelo arrozal, garantindo um bom desenvolvimento das plantas. O aguador usa somente a sua pá e, andando descalço, encarrega-se de distribuir a água vinda de açudes pelos canais da granja, sem se

importar com o calor do sol ou pancadas de chuva. Muitas vezes seus pés atolam nos solos encharcados, dificultando o andar.

As demais lavouras cultivadas – milho, soja, feijão, batatas, aipim - são implantadas em terras mais altas e secas, dependendo bem mais do ciclo regular das chuvas. Por isso, os olhares de quem planta estão sempre avaliando e sondando a terra e as nuvens.

Alípio e muitos outros produtores da região já tiveram prejuízos por quedas na produtividade, causadas por fenômenos climáticos adversos – estiagens que causam secas prolongadas, excessos de chuvas que causam enchentes, temporais com ventanias e quedas de granizo que danificam ou destroem as culturas. Estes infortúnios deixam marcas difíceis de serem superadas, tanto no aspecto financeiro, como no sentimental: só resta a tristeza, seguida da necessidade de seguir adiante, quando se enfrenta em um curto espaço de tempo a destruição de todo o trabalho realizado em vários dias, semanas ou até meses...

São escassos os recursos destinados a auxiliar os agricultores que passam por perdas de produção, atingidos pelas calamidades acima referidas. Alípio ainda está pagando um custeio renegociado no banco, depois de danos sofridos por causa de uma chuvarada forte que lhe arrombou um açude e destruiu grande parte da granja de arroz em estágio de floração. Na época, precisou vender quase metade do gado para garantir a sobrevivência da família e manter o estudo dos filhos.

E por que será que continuou plantando, após estas perdas?

Porque esta sina de agricultura está no sangue, insta-

lada na alma campeira que vem carregada de histórias dos antepassados, igualmente dedicados e corajosos. Cultivar a terra não é só tecnologia. Também é uma arte, que apaixona quem a ela se dedica.

Os que permanecem na campanha estão assistindo, numa progressão crescente, a diminuição da população rural. Muitos trabalhadores desestimulados e temendo a ruína de suas propriedades, ou que não contam com a permanência dos filhos que saíram de casa para estudarem ou trabalharem fora, vendem suas terras de porteira fechada e migram para as cidades próximas à procura de um futuro melhor, menos inseguro e sofrido... Acabam fixando residências nas periferias urbanas e procuram por um trabalho assalariado, dinheiro certo, todo mês. Porém, lá no íntimo, carregam a nostálgica saudade da campanha!

Diante destes fatos, fica no ar um questionamento: como as pessoas que vivem e trabalham nas áreas urbanas (vilas, cidades) conseguiriam se alimentar e viver de forma saudável, se não mais existirem os agricultores, cultivando uma variedade de alimentos? Quando os Alípio, Pedro, Paulo, Antônio, João, Aristides, com suas mulheres, parceiras nas lidas da terra, ano após ano, terão maior amparo e serão melhor reconhecidos pelos serviços à sociedade?

Faz-se necessário, como prioridade inadiável, uma maior valorização do que “acontece das Porteiras para dentro das Propriedades Rurais” em vez de ficarem se preocupando, somente com a produção que sai das “Porteiras para Fora”, gerando maiores lucros para muitas empresas e instituições, que se beneficiam com o trabalho desenvolvido no meio rural.

Na casa de Alípio, bordado num pano de parede por dona Maria Rita, está representada uma cesta de pães, cercada de algumas espigas de trigo, com a legenda: “O Pão nosso de cada dia, antes de ser farinha é grão de trigo, nas bonitas espigas dos trigais da vida.”

## Nas asas da ansiedade

O dia finalmente amanhecera e as atividades cotidianas deveriam ser cumpridas rapidamente para que o encontro com a jovem de olhos azuis chegasse logo. O velho (porém não acabado) Augusto Lisboa havia combinado de tomar um café com a bela jovem às onze e meia da manhã. Um horário um pouco estranho, mas era a hora em que ela saía da última aula matutina. O pensamento da noite toda continuava a lhe ocupar a mente. Como ela era linda! Até o seu nome parecia ter surgido de algum lugar “não terreno”. Era Marina. Marina lhe lembrava mar, oceano, límpidas e azuis águas repletas de belas criaturas marinhas. Tão belas como ela!

O cara urbano, que já conhecera boa parte do mundo, parece que estava se apaixonando por uma jovem, interiorana, bela, um pouco tímida e, pasmem, oriunda da sua terra natal. Era demais para a cabeça até mesmo de um poeta.

O café da manhã fora tomado às pressas e as notícias daquele começo de dia quase não importaram. Parece que não estava acontecendo nada de muito interessante no mundo naquela data.

O relógio marcou, finalmente, o horário tão esperado e lá estava ele, já abancado em uma mesa na confeitaria mais central da pequena cidade. Escolhera a mesa mais ensolarada e clara do ambiente.

Às onze e trinta e um, ela chegou. Com um sorriso tímido, mas lindo, o cumprimentou. Augusto, num gesto há muito não usado por quase ninguém, lhe beija a mão e a convida a sentar. Durante uns quarenta minutos, a Terra parecia não girar. Os assuntos, dos mais variados, foram surgindo. As conversas iam desde a alta do dólar até a professora que ficava tentando ensinar aquela matéria mais chata do curso para a turma dela. Da quantidade de plástico nos oceanos até a última viagem ao espaço feita por uma empresa privada. Por quase uma hora, os dois pareciam esquecer que havia alguém a sua volta. Sorrisos, os mais alvos e dignos de um comercial de creme dental, eram inevitáveis. Parece que não havia mais dúvidas: a felicidade existia!

Finalmente, ela disse que precisaria ir almoçar, pois teria mais aulas logo em seguida. Ele também teria que ir ao banco na parte da tarde. Mesmo em um passeio na terra natal, as contas e boletos insistiam em continuar vencendo. A conta foi paga e a despedida já fora com um beijo no rosto. Ele viu um progresso nisso e ela lhe pareceu também feliz. A alegria de ambos era facilmente percebida.

Após o almoço, Augusto se dirige ao banco, enfrenta a fila dos guichês, paga suas contas e aproveita para tomar alguns cafezinhos e conversar com as pessoas que o encontravam. Muitas destas pessoas o conheciam desde a infância, quando ele ainda vivia na cidade.

A sua maior surpresa foi reencontrar, após uma vida inteira vivendo fora do lugar, o seu amigo de infância Alípio Carvalho. Na época do Grupo Escolar, a sua amizade ia além da sala de aula. Quase que diariamente, pescavam, jogavam futebol no campinho perto da escola, onde mais havia terra que grama. O reencontro foi agradável. Muitos assuntos do passado foram lembrados e até mesmo os nomes dos amigos que, infelizmente, já haviam falecido, foram citados. Durante um bom tempo, a conversa correu solta no banco, até que o vigilante da agência gentilmente lhes pediu que se retirassem, pois os funcionários precisavam encerrar o expediente do dia.

O bom de rever velhos amigos é que, além de relembrar fatos marcantes do passado, passa-se a saber o que aconteceu na vida de todas as pessoas da cidade nas últimas décadas. E o melhor: o convite do seu amigo Alípio para almoçar em sua propriedade rural no próximo domingo. Finalmente Augusto comeria um churrasco tipicamente gaúcho, igual àqueles que seu avô e seu pai faziam para a família nos tempos de sua infância.